APPALACHIAN SPRING, DE COPLAND-STANLEY: UM ESTUDO SOBRE TRANSCRIÇÃO DE REPERTÓRIO, REDUÇÃO PARA PIANO E RECURSOS ORQUESTRAIS DO PIANO

Fernando Vago Santana
Universidade Federal de Juiz de Fora
fernandovagopianista@gmail.com

Cindy Helenka Alves
Universidade Federal do Rio de Janeiro
cindyhalves@gmail.com

Resumo: O piano é tradicionalmente concebido como um instrumento de possibilidades orquestrais, de modo que já é consolidada há alguns séculos a tradição de escrita reduzida de orquestra para piano, ou também a prática de serem escritas versões para piano solo de obras sinfônicas ou camerísticas. Duas questões emergem nesse contexto: uma é a de apresentar as possibilidades do instrumento como substituto da orquestra, e outra é a possibilidade de ampliar o repertório do instrumento pela incorporação de repertório sinfônico. O presente trabalho serve como relato de uma pesquisa que culmina em produção artística e apresenta na prática algumas possibilidades de orquestração do piano. Objetiva-se demonstrar a riqueza de possibilidades do instrumento em um contexto eminentemente prático, a saber, na performance de uma peça originalmente concebida para orquestra sinfônica, mas que recebeu uma versão para piano solo. *Appalachian Spring*, de Aaron Copland, integra o repertório sinfônico, tendo sido concebida originalmente para um conjunto de 13 instrumentos, e, posteriormente, para orquestra sinfônica. Em 2007, o compositor norte-americano Bryan D. Stanley propôs uma versão para piano solo, que será apresentada em público neste recital. Após consultar tratados sobre orquestração e consultar três versões da obra, para orquestra sinfônica, para 13 instrumentos e para piano solo, pôde-se estabelecer alguns recursos de redução orquestral para piano aplicados na obra. O estudo demonstrou possibilidades de expansão do repertório solístico de piano por meio da incorporação de obras sinfônicas, bem como apresentou recursos de redução orquestral a partir de um caso prático.

Palavras-chave: Redução orquestral para piano. Transcrição de repertório. Aaron Copland. Bryan Stanley. Repertório para piano.

Appalachian Spring, by Copland-Stanley: a research on repertoire transcription, piano reduction from orchestra and orchestral resources at the piano

Abstract: The piano is traditionally conceived as an instrument of several orchestral possibilities, as can be observed from the consolidated tradition over a few centuries of either writing orchestral reductions for piano, or extend its repertoire by incorporating symphonic repertoire. This research culminates in an artistic production that illustrates some resources of the piano as a substitute of the orchestra. It aims to present the abundance of possibilities of the instrument in a practical context, namely by performing a work originally written for orchestra, but that received a piano version. *Appalachian Spring*, by Aaron Copland, is part of the symphonic repertoire, although originally it has been written for 13 instruments setting, and later for symphony orchestra. In 2007, north-american composer Bryan D. Stanley presented a solo piano version, that will be performed at this recital. After consulting orchestration treatises and 3 versions of the score, for symphony orchestra, for 13 instruments and for solo piano, it became possible to establish a few resources of orchestral reduction for piano as applied in this work. The study clarified possibilities of piano repertoire expansion by incorporating symphonic music, as well as presented resources of orchestral reduction based on a practical case.

Keywords: Orchestral reduction for piano. Repertoire transcription. Aaron Copland. Bryan Stanley. Piano repertoire.

Appalachian Spring, de Copland-Stanley: un estudio sobre la transcripción del repertorio, la reducción para piano y las características orquestales del piano

Resumen: El piano se concibe tradicionalmente como un instrumento de posibilidades orquestales, por lo que se ha consolidado durante algunos siglos de la tradición de la escritura de orquesta reducida para piano, o también la práctica de escribir versiones de piano de obras sinfónicas o camerísticas. En este contexto surgen dos preguntas: una es presentar las posibilidades del instrumento como sustituto de la orquesta, y otra es expandir el repertorio del instrumento incorporando repertorio sinfónico. El presente trabajo sirve como relato de una investigación que culmina en la producción artística y presenta en la práctica algunas posibilidades de orquestación del piano. Su objetivo es demostrar la riqueza de posibilidades del instrumento en un contexto eminentemente práctico, es decir, en la ejecución de una pieza concebida originalmente para orquesta sinfónica, pero que recibió una versión para piano solo. *Appalachian Spring*, de Aaron Copland es parte del repertorio sinfónico, originalmente concebida para un conjunto de 13 instrumentos, y más tarde para la orquesta sinfónica. En 2007, el compositor estadounidense Bryan D. Stanley propuso una versión para piano solo, que se presentará en público en este recital. Después de consultar tratados sobre orquestación y consultar tres versiones de la obra, para orquesta sinfónica, para 13 instrumentos y para piano solo, fue posible establecer algunas características de reducción orquestal para piano aplicadas en la obra. El estudio demostró posibilidades para la expansión del repertorio de piano solo a través de la incorporación de obras sinfónicas, así como características de reducción orquestal desde un caso práctico.

Palabras clave: Reducción orquestal para piano. Transcripción de repertorio. Aaron Copland; Bryan Stanley; Repertorio de piano.

Resumo expandido: Este trabalho apresenta uma versão para piano solo da obra orquestral *Appalachian Spring*, originalmente composta por Aaron Copland, mas adaptada para piano solo por Brian D. Stanley em 2007. Objetiva ilustrar como o repertório pianístico pode ser expandido a partir da incorporação de obras sinfônicas; reforçar o princípio lisztiano da orquestração do piano durante a performance (OTT, 1992); demonstrar os recursos orquestrais do instrumento, razão pela qual as reduções orquestrais normalmente são feitas para piano, bem como estimular pianistas, compositores e arranjadores a explorarem um repertório oriundo da tradição sinfônica, adaptando as obras para o piano solista. Dentro da tradição da música de concerto ocidental, o piano tem ocupado uma posição de destaque, devido especialmente à sua versatilidade e seu grau de adequação a diversos contextos (HENRIQUE, 2008). O piano também se apresenta como uma ferramenta útil para a composição musical e o arranjo, sendo muito utilizado por compositores e arranjadores para realizarem reduções de orquestra sinfônica ou de obras camerísticas. Devido à sua extensão e grandes possibilidades de harmonia, ritmo, dinâmicas, articulações, além das combinações de pedais e até mesmo de técnicas expandidas, o instrumento consegue sintetizar os principais eventos de uma partitura orquestral. Some-se a esse argumento o fator de acessibilidade, uma vez que o piano é de relativamente fácil disponibilidade, em contraste com a orquestra sinfônica ou um órgão de tubos. Já há alguns séculos está consolidada a tradição de escrita de reduções orquestrais para piano, sendo as célebres transcrições que Liszt fez das nove sinfonias de Beethoven um exemplo emblemático. Em muitas situações, em vez de reduzidas, as versões orquestrais são reescritas em uma versão para piano, com maior respeito ao idiomatismo do teclado. Este tema suscita duas questões relevantes, quais sejam: apresentar as possibilidades do instrumento como substituto da orquestra; e demonstrar a possibilidade de expansão do repertório pianístico por meio da incorporação de repertório sinfônico. O presente trabalho apresenta em recital público como funcionam na prática algumas das possibilidades de orquestração do piano. *Appalachian Spring* foi concebi-

da originalmente como um balé, em 1944. Popularizou-se como suíte orquestral para uma orquestra de câmara composta por 13 instrumentistas, mas posteriormente recebeu uma versão para orquestra sinfônica, em 1945, de autoria do próprio compositor. Uma versão para piano solo, contudo, só aparece 62 anos mais tarde. Pesquisou-se as 3 partituras disponíveis, o que permitiu pontuar diversos recursos utilizados por Stanley para sintetizar no piano toda a textura orquestral. Alguns tratados sobre orquestração serviram como fundamento teórico para clarificar os procedimentos empregados pelo compositor (ADLER, 2016; PISTON, 1955 RIMSKY--KORSAKOV, 1964;). A experiência reforçou o princípio lisztiano de que o piano deve soar com todo seu potencial orquestral. Permitiu ainda estudar em um caso prático recursos de redução orquestral para o piano. Espera-se que o trabalho estimule outros pianistas que se interessem pelo repertório orquestral adaptado ao piano.

REFERÊNCIAS

ADLER.S. *The study of orchestration*. 4. ed. (2016). W.W. Norton - Company. New York (2016).

HENRIQUE, L. L. *Instrumentos musicais*. 6. ed (2008). Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian (2008).

OTT, B. *Lisztian keyboard energy: an essay on the pianism of Franz Liszt*. Lewinston, New York. Edwin Mellen Press (1992).

PISTON.W. *Orchestration*. W.W. Norton - Company. New York (1955).

RIMSKY-KORSAKOV, N. *Principles of orchestration*. Revised edition (1964). Dover Books on Music. Mineola: New York (1964).